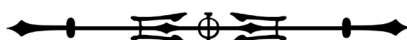


Paper do NAEA

Volume 1, Número 2, Edição/Série 477

Caracterização da pesca artesanal de arrasto de camarão em três municípios da região do salgado paraense

Lorena Garcia da Rosa¹
Flavio Henrique Souza Lobato²
Voyner Ravena-Cañete³



RESUMO

Diversos trabalhos sobre a pesca artesanal têm sido produzidos na Região Amazônica, entretanto, há uma carência de informações acerca de suas especialidades, principalmente no que concerne à pesca de camarão. O presente trabalho é voltado para a caracterização da pesca de arrasto de camarão realizada em três municípios da região do Salgado Paraense, enfatizando as espécies de camarão capturadas, o esforço de pesca e os atores sociais envolvidos. Partindo de uma abordagem quanti-qualitativa, em que se destacou a realização de entrevistas com pescadores e pescadoras artesanais, os resultados demonstram a diversidade dos recursos naturais existentes, assim como as especificidades ambientais de cada local, delineando a dinâmica das relações socioculturais marcadas pela ligação com a natureza.

Palavras-chave: Pesca Artesanal. Camarão. Salgado Paraense. Amazônia.

1 Mestranda em Planejamento do Desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU, 2020), pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFPA.

2 Mestrando em Planejamento do Desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela UFPA (2019). Possui Graduação em Bacharelado em Turismo pela UFPA (2016).

3 Professora Associada I da Universidade Federal do Pará? UFPA/Brasil, vinculada ao Instituto de Ciências Biológicas e atuando nos Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca (PPGEAP/UFPA), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA) e no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB/UFPA). Possui Graduação em Bacharelado em História (1991), Mestrado em Antropologia Social (2000) e Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental pelo NAEA (2005) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

ABSTRACT

Several studies about the artisanal fishing have been produced in the Amazon region, however, there is a lack of information about its specialties, especially with regard to prawn fishing. This article is carried out to characterize prawn trawling in three counties in the region of the Salgado Paraense, northeastern State of Pará, emphasizing the captured prawn species, the fishing effort and the social actors involved. Based on a quantitative and qualitative approach, where interviews were conducted with artisanal fishermen, the results demonstrate the diversity of the existing natural resources, as well as the environmental specificity of each county, outlining the dynamics of the socio-cultural relations marked by the connection with nature.

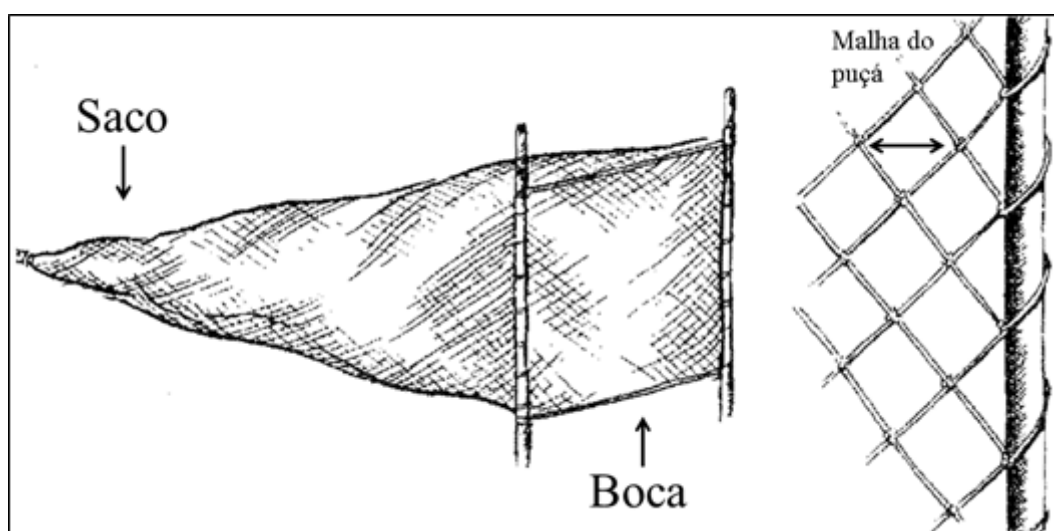
keywords: Artisanal Fishing. Prawn. Salgado Paraense. Amazon Region.

INTRODUÇÃO

Na Região Amazônica, a pesca artesanal encontra significação enquanto uma prática refletida a partir das trocas entre diversos grupos humanos, cuja coexistência foi marcada pelo encontro de sociedades indígenas e não indígenas na história da Amazônia (FURTADO, 2006). Nesse sentido, delinearam-se especificidades sociais e culturais pautadas pela relação entre os ambientes aquático e terrestre, em que se tornou possível o desenvolvimento de tecnologias refinadas e o manejo de diferentes recursos naturais. No entanto, a sobrevivência de comunidades que dependem da pesca artesanal é ameaçada pela influência da industrialização do setor pesqueiro, que foi estimulada no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967 (OLIVEIRA; SILVA, 2012). Desde então, a pesca industrial⁴ tem se destacado pelo seu avanço desordenado ao longo da costa do Brasil, no sentido sul-norte, de modo que a Amazônia figura atualmente como a última região do país com um rico estoque pesqueiro que ainda não foi extensamente explorado por essa frota.

Apesar da existência destes dois tipos de pesca, este trabalho se detém à pesca de natureza artesanal, que, de acordo com a Legislação Pesqueira vigente (BRASIL, 2013), encontra-se ordenada pela atuação do pescador profissional autônomo que, geralmente, em colaboração com a família, desenvolve a atividade pesqueira com seus próprios meios de produção ou em parceria. No que diz respeito às especialidades dessa modalidade de pesca, destaca-se a pesca de arrasto de camarão, caracterizada pela utilização de puçás como apetrecho dessa atividade. Estes são puxados por duas pescadoras que caminham paralelamente, cada uma segurando em uma ponta do material, para que os camarões sejam capturados e fiquem retidos no fundo do mesmo (NERY, 1995). A ponta do puçá é conhecida como boca, e o fundo, como saco, conforme está ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Ilustração do apetrecho conhecido como “puçá de arrasto”



Fonte: Editada a partir de Nery (1995).

⁴ A pesca industrial é conduzida por embarcações de médio à grande porte, que frequentemente possuem grande aparato tecnológico e sistemas de congelamento a bordo (ARAGÃO; SILVA; CINTRA, 2015).

Tal prática apresenta grande relevância para a economia local no nordeste do estado do Pará, mais especificamente na região do Salgado Paraense, pois complementa ou é a principal fonte de renda de diversas famílias. Sob o ponto de vista ecológico, a elevada produtividade íctica decorrente da decomposição das florestas de mangue e das planícies inundadas do rio Amazonas, assim como dos sedimentos e nutrientes carreados pelos rios (ISAAC, 2009), torna favorável a utilização de recursos camaroeiros por populações humanas. Além disso, o apetrecho em questão se mostra muito eficiente nas áreas estuarinas e de reentrâncias, assim como nas praias.

Entretanto, observa-se uma carência de trabalhos dedicados a esse tipo de pesca artesanal, ainda que alguns autores já tenham apontado para um quadro de diminuição do estoque de camarões em outras regiões do país (D'INCAO; VALENTINI; RODRIGUES, 2002) e para a relevante participação das mulheres na pesca artesanal de camarões (PALHETA; RAVENA-CANETE; CARDOSO, 2016; SIMONIAN, 2006; 2009). Outra questão fundamental se refere à fauna acompanhante não aproveitada, ou mesmo capturada inadequadamente, que conduz a um cenário de impacto ambiental e desequilíbrio ecossistêmico⁵. Logo, a carência de dados acerca da pesca artesanal camaroeira representa uma lacuna que dificulta um diagnóstico da pressão ambiental que populações tradicionais podem estar sofrendo.

Embora se entenda que toda forma de uso do ambiente natural produz impactos, contrapondo uma visão romântica de equilíbrio perfeito com a natureza (ADAMS, 2000; DIEGUES, 2001), percebe-se que a lógica do processo artesanal está baseada no respeito aos ciclos naturais, do qual os seres humanos também fazem parte (HARRIS, 2006). Portanto, partindo dessa perspectiva mais ampla, o presente trabalho se propõe a estabelecer uma relação para além dos limites do campo da Biologia, assumindo uma concepção crítica em que a natureza não se encontra fragmentada como algo externo às relações humanas.

Ademais, o artigo se configura como um recorte da pesquisa intitulada “Caracterização socioeconômica da pesca de arrasto de camarão na costa Norte e Nordeste do Brasil”⁶, financiada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO – ONU). Dentre os objetivos, destacam-se o levantamento de dados sobre as espécies de camarões capturados, o esforço de pesca realizado e os atores sociais envolvidos.

METODOLOGIA

Áreas de estudo

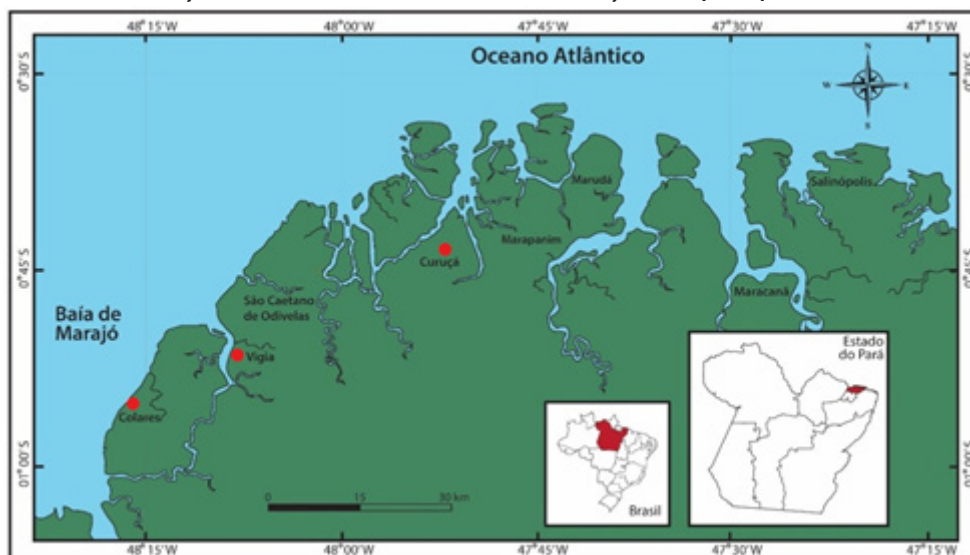
O presente trabalho toma como pontos de análise comunidades que são reconhecidas pela atividade pesqueira de camarão, nos municípios de Vigia de Nazaré, Colares e Curuçá. Estes estão situados na Zona do Salgado, também conhecida como Microrregião Homogênea do Salgado, que se localiza no nordeste do Pará, “entre a Ponta da Tijoca, ao norte do município de Vigia, e o golfão maranhense” (FURTADO, 2002). Ainda de acordo com Furtado (2002), grande parte do pescado que mantém a economia regional provém dessa região, já que a

5 Este artigo não se detém à fauna acompanhante, por se tratar de uma caracterização inicial da pesca artesanal de arrasto de camarão. Mais informações podem ser encontradas em Aragão, Silva e Cintra (2015).

6 A pesquisa em questão compõe o projeto “Sustainable management of bycatch in Latin America and Caribbean trawl fisheries (REBYC-II LAC).

influência das águas do oceano atlântico se estende até rios e igarapés durante a estação estival e a estação chuvosa, permitindo uma maior variedade na disponibilidade de recursos pesqueiros. O mapa a seguir permite visualizar a área em questão.

Figura 2 – Localização das comunidades de realização da pesquisa no Estado do Pará



Fonte: Editado a partir de Ravena-Cañete (2018).

Optou-se apenas pela localização dos municípios, pois parte de suas respectivas comunidades ainda não foi mapeada via Sistema de Posicionamento Global (GPS). No entanto, o nome de cada comunidade onde ocorreu o estudo está disponível no Quadro 1.

Quadro 1 – Municípios e respectivas comunidades onde ocorreu a pesquisa

Município	Comunidade
Vigia de Nazaré-PA	Rua das Flores e Bairro Vila Nova
Colares-PA	Guajará, Mãe Rita e Terra Amarela
Curuçá-PA	Caratateua

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Da coleta à análise de dados

A pesquisa ocorreu entre o final de fevereiro e o início de março de 2018 em diferentes comunidades dos três municípios citados anteriormente, por meio da aplicação de questionários semiestruturados. Como critério de escolha das pessoas entrevistadas, foram utilizados os seguintes: 1) serem residentes do local da pesquisa e; 2) estarem atuando ou já terem atuado na pesca de puçá de arrasto. A pesquisa totalizou a aplicação de 75 questionários (Tabela 1). Utilizou-se uma abordagem tanto qualitativa, quanto quantitativa, pois desse modo foi possível coletar e cruzar informações que, decerto, não teriam sido obtidas isoladamente. Tais abordagens se articulam de forma complementar, pois se assume que “[...] o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa” (MINAYO; SANCHES, 1993).

Os dados coletados foram tratados nos softwares *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais) e *Microsoft Office Excel* 2013. A utilização dessas ferramentas permitiu a sistematização dos dados de forma individualizada, assim como o cruzamento entre estes, de modo a agregá-los para que suas correlações pudessem evidenciar questões importantes. Vale ressaltar que o trabalho considerou a organização dos resultados a partir dos municípios, apesar de o universo investigado ser muito amplo, o que demandaria maior tempo de pesquisa e o emprego de outras técnicas. No entanto, os dados coletados permitiram inferências e aproximações acerca da realidade estudada.

Tabela 1 – Questionários aplicados na pesquisa de campo

Município	Comunidade	Nº de questionários
Vigia de Nazaré-PA	Rua das Flores e Bairro Vila Nova	28
Colares-PA	Guajará, Mãe Rita e Terra Amarela	22
Curuçá-PA	Caratateua	25
Total	6	75

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Ainda que haja diferenças para cada localidade acessada, o número total de questionários aplicados em cada município se aproxima, de forma a permitir a construção de inferências sobre a caracterização da pesca artesanal de puçá de arrasto de camarão para essa área do estado do Pará.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados apontaram para três cenários fundamentais, de modo que esta seção foi dividida em três partes: a primeira diz respeito às espécies capturadas e sua relação com o ambiente de cada localidade; a segunda se dedica ao esforço de pesca demandado pela pescaria de arrasto com puçás; e a última se propõe a discutir sobre os atores sociais envolvidos nessa atividade pesqueira.

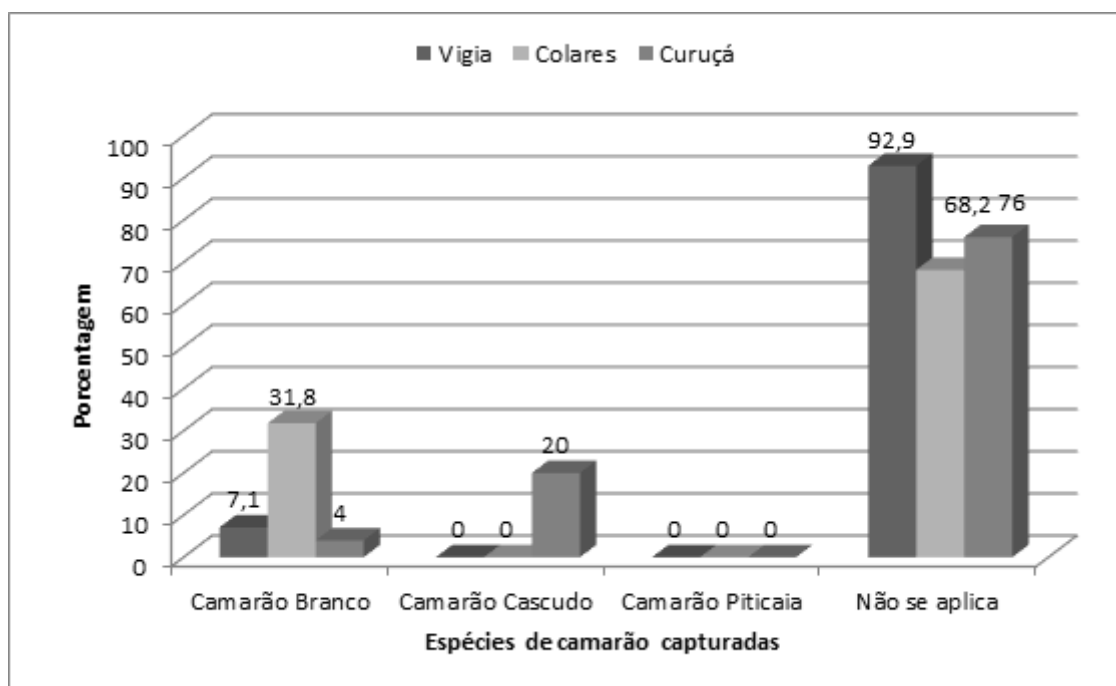
Espécies de camarões capturadas

A influência das águas salinas do oceano Atlântico, além dos próprios nutrientes e sedimentos carreados pelos rios, propicia a formação de um espectro ambiental bastante diverso, criando condições para o desenvolvimento de diferentes espécies de camarões. No caso das comunidades estudadas, ocorre a captura das espécies de camarão branco, *Litopenaeus schmitti* (BURKENROAD, 1936), de camarão piticaia, *Xiphopenaeus kroyeri* (HELLER, 1862) e de camarão cascudo, *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1862).

De acordo com pescadoras e pescadores entrevistadas(os), as espécies de camarões branco e piticaia são encontradas em abundância nos meses de junho a dezembro. Em

contrapartida, o camarão cascudo está presente em quase o ano todo, apesar de o período do inverno amazônico ser o mais propício para a sua pesca em Igarapés. Tendo em vista que os períodos de pesca são determinados pelos diferentes ciclos reprodutivos de cada espécie de camarão, os dados presentes na Figura 3 revelam o percentual de pescadoras e pescadores exclusivos(os) de cada uma delas.

Figura 3 – Espécies capturadas nos três municípios



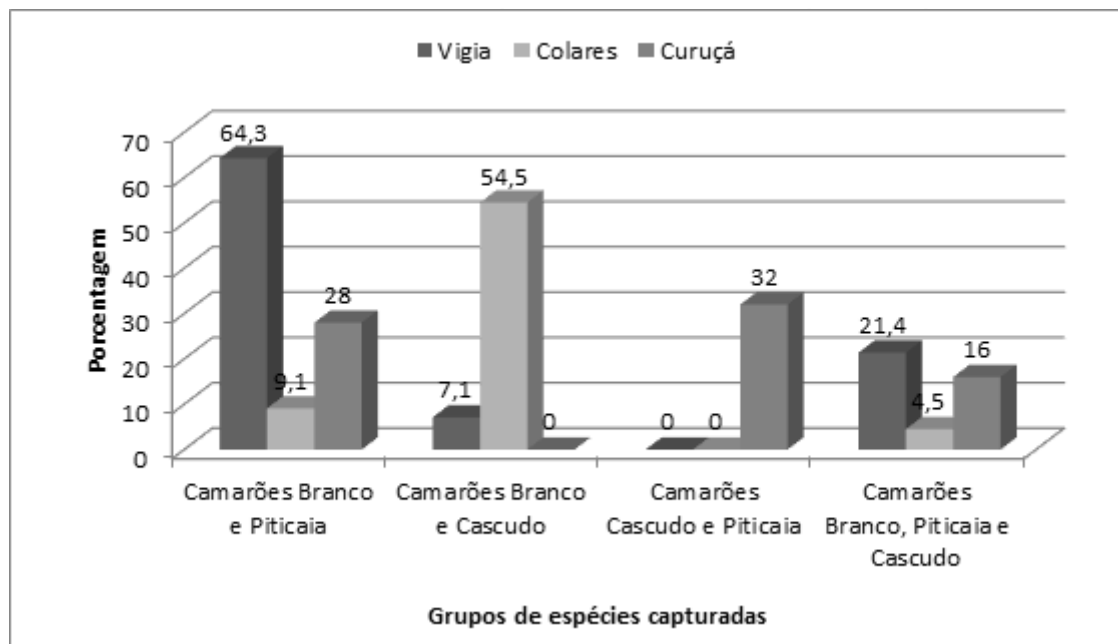
Fonte: Trabalho de campo (2018).

Apenas uma pequena parcela das pessoas entrevistadas em Vigia e em Curuçá afirmaram pescar unicamente o camarão branco, ao contrário de Colares, onde se observou um percentual de 31,8% de pescadores e pescadoras exclusivos(as) dessa espécie. Nota-se, também, que Curuçá se destaca como o único município onde ocorre a pesca exclusiva de camarão cascudo, sendo que este é considerado de baixo valor comercial em outras localidades do Nordeste Paraense, devido às dificuldades de acesso ao seu habitat, caracterizado pelas cabeceiras dos igarapés, como citado anteriormente. Já em relação ao camarão piticaia, não houve pescadores e pescadoras exclusivos(as) dessa espécie em nenhum dos três municípios.

A categoria “Não se aplica” representa o percentual de pessoas que capturam mais de uma espécie de camarão ao longo do ano, evidenciando variações nas condições ambientais – e na própria dinâmica social e econômica – de cada município, embora todos se situem ao longo de uma mesma zona costeira. Nesse sentido, os dados foram agregados e apresentados de forma correlacionada na Figura 4, revelando outras questões fundamentais.

Observa-se que no município de Vigia a captura de camarão branco se mostra bastante expressiva entre aqueles que também exploram o camarão piticaia, evidenciando a preferência dos pescadores e pescadoras pela captura de mais de uma espécie. Caso

semelhante ocorre em Colares, onde os pescadores e as pescadoras, em sua maioria, lançam⁷ camarão branco e camarão cascudo, apesar de não ter sido encontrado nenhum pescador ou pescadora exclusivo deste, conforme foi demonstrado no primeiro gráfico.



Fonte: Trabalho de campo (2018).

Outro ponto que merece destaque se refere à pouca representatividade do camarão piticaia no município de Colares, pois de acordo com as informações obtidas ao longo das conversas com os pescadores, não há ocorrência desse camarão na beira do rio onde normalmente são realizadas as pescas com o puçá de arrasto, de modo que a sua captura se dá em alto mar ou a partir de uma praia conhecida como Praia do Farol, situada da boca de Vigia em diante. Nesse sentido, nota-se que o ambiente figura como fator importante para a escolha das espécies entre os pescadores, assim como o apetrecho utilizado, já que as pescarias em alto mar geralmente demandam redes de arrasto de fundo com portas⁸.

Em contrapartida, nota-se que no município de Curuçá, apesar de não haver pescadores e pescadoras exclusivos de camarão piticaia, uma parcela das pessoas entrevistadas captura esta espécie conjuntamente com o camarão cascudo. Por fim, uma pequena parcela de entrevistados e entrevistadas pescam as três espécies ao longo do ano. Vale ressaltar que o camarão branco se mostrou bastante expressivo em quase todos os grupos de espécies capturadas, revelando um cenário pesqueiro semelhante ao encontrado em outros municípios da zona do Salgado Paraense, onde o camarão em questão é a principal espécie capturada nas pescarias (SILVA, 2004).

⁷ Expressão utilizada pelos pescadores para a pescaria de camarão.

⁸ Este apetrecho é utilizado nas pescas industriais de arrasto de camarão.

Esforço de pesca

Há carência de literatura que tenha se debruçado sobre o esforço de pesca de arrasto de camarão, principalmente no que diz respeito à pesca artesanal. Nesse sentido, objetivou-se a coleta de dados que permitissem alguma aproximação e interpretação desse contexto, de modo que, dentre os apetrechos artesanais comumente utilizados para a realização da pesca de camarão, a pesca de puçá de arrasto figurou como a principal arte de investigação.

Ao longo da pesquisa de campo, alguns pescadores e pescadoras apresentaram os seus apetrechos de arrasto e foi possível observar que, apesar de se tratar de uma técnica tradicional, atualmente estes são confeccionados com nylon⁹. No que concerne à malha dos puçás, evidenciaram-se pequenas variações no tamanho entre os nós, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2 – Malha dos puçás de arrasto nos três municípios

Tamanho dos nós	Município		
	Vigia	Colares	Curuçá
15 mm de boca e 10 mm de saco	53,6%	36,4%	36%
20 mm de boca e 10 a 15 mm de saco	28,6%	45,5%	24%
25 mm de boca e 10 a 15 mm de saco	0%	0%	12%
Não soube	0%	9,1%	4%
Não respondeu	17,9%	9,1%	24%
Total	100%	100%	100%

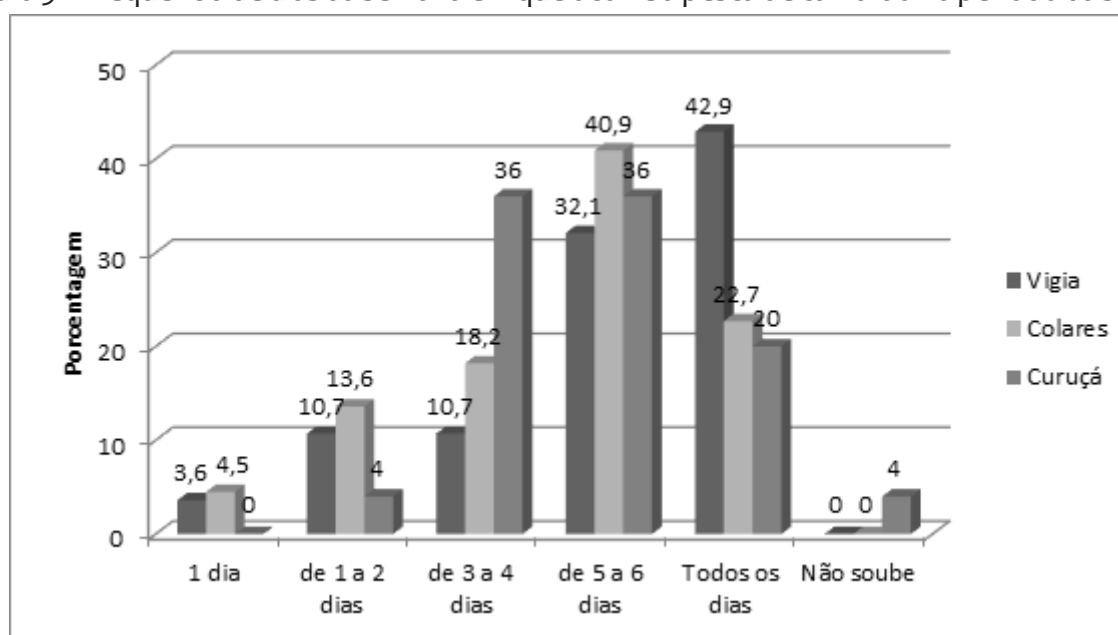
Fonte: Trabalho de campo (2018).

Nas comunidades de Vigia e de Curuçá, os pescadores e as pescadoras, em sua maioria, utilizam um material com 15mm de boca e 10 mm de saco, ao passo que nas comunidades de Colares, a malha geralmente apresenta 20 mm de boca e 10 a 15 mm de saco. O percentual de pessoas entrevistadas que não souberam e que não responderam supõe uma particularidade das confecções artesanais, em que o trabalho manual se desenvolve sem a exigência de algum tipo de precisão métrica comum às produções industriais.

Em relação aos dias da semana em que ocorre a pesca de camarão, considerando o período da safra, evidenciaram-se algumas particularidades entre os locais de estudo. No município de Vigia, a maioria das pessoas que pescam (42,9%), lançam camarão todos os dias da semana, enquanto em Colares a maior parte (40,9%) faz isso apenas de 5 a 6 dias. Apenas em Curuçá houve um percentual expressivo (36%) de pesca de camarão em somente 3 a 4 dias da semana, como mostra a Figura 5.

⁹ De acordo com Nery (1995), até pouco antes da década de 1960 os pescadores empregavam vários tipos de linha ou fibras vegetais, sendo que atualmente utilizam fios sintéticos, como é o caso do nylon.

Figura 5 – Frequência de dias da semana em que ocorre a pesca de camarão no período da safra



Fonte: Trabalho de campo (2018)

A diferenciação encontrada no município de Curuçá possivelmente repousa no enfoque que a comunidade dá à captura de peixes, de modo que o camarão fica secundarizado entre parte dos pescadores e pescadoras. Em contrapartida, no município de Vigia, a prioridade da pesca de camarão durante todos os dias aponta para um cenário em que a pesca de peixes já se encontra sobre-explotada, principalmente se considerarmos que este município figura como um dos três principais, da costa do estado do Pará, que concentram os maiores desembarques (JÚNIOR; TAVARES; BRITO, 2006). Ainda de acordo com Júnior, Tavares e Brito (2006), Vigia apresenta boa infraestrutura para o desembarque dos municípios vizinhos. Tais resultados revelam, também, a existência de dias em que pescadores e pescadoras desempenham outras atividades econômicas, principalmente relacionadas à roça como complemento, em conformidade ao que Furtado (2006) considera como sociedades agropesqueiras.

No que concerne ao destino dos camarões capturados, observa-se na Figura 6 que a maioria das pessoas entrevistadas dos três municípios comercializam a maior parte ou toda a produção, destinando apenas uma pequena parcela para seu próprio consumo. Os casos que não se aplicam dizem respeito àqueles que destinam toda a sua produção para consumo.

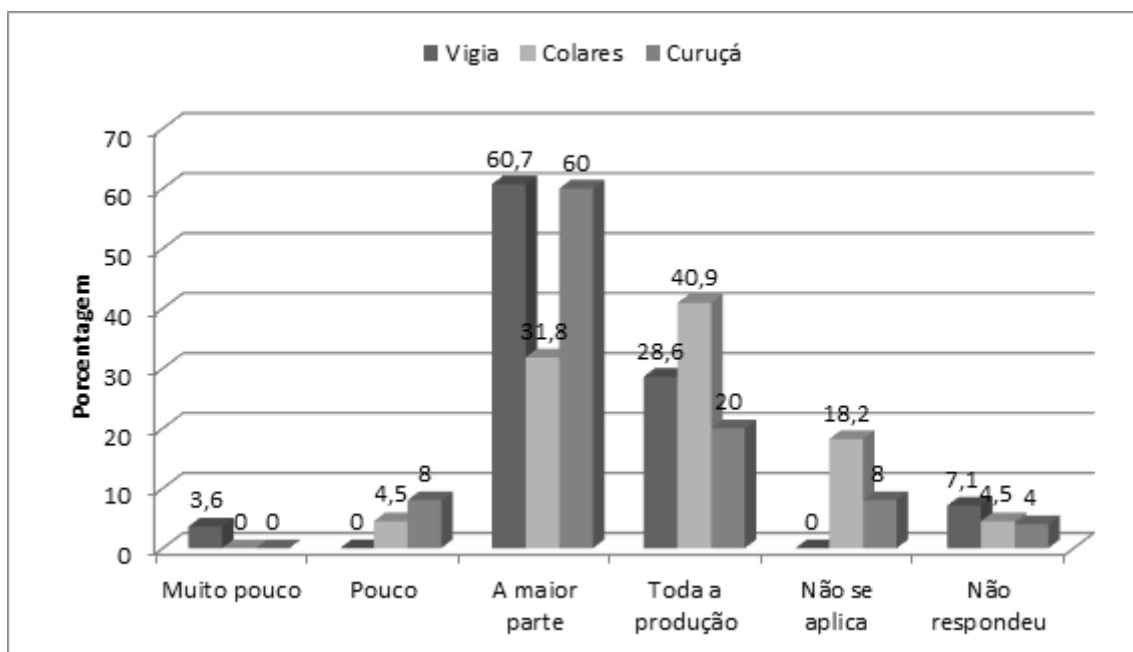
Nos três municípios, nota-se que a maior parte das pessoas entrevistadas lança camarão apenas uma vez ao dia, especificamente na maré da noite, como indicado na Tabela 3.

Tabela 3 – Durante a safra, quantas vezes ao dia você vai a maré lançar camarão?

Município	Apenas uma vez, na maré da noite	Até duas marés	Total
Vigia	82,1%	17,9%	100%
Colares	81,8%	18,2%	100%
Curuçá	96%	4%	100%

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Figura 6 - Destino da produção para a venda



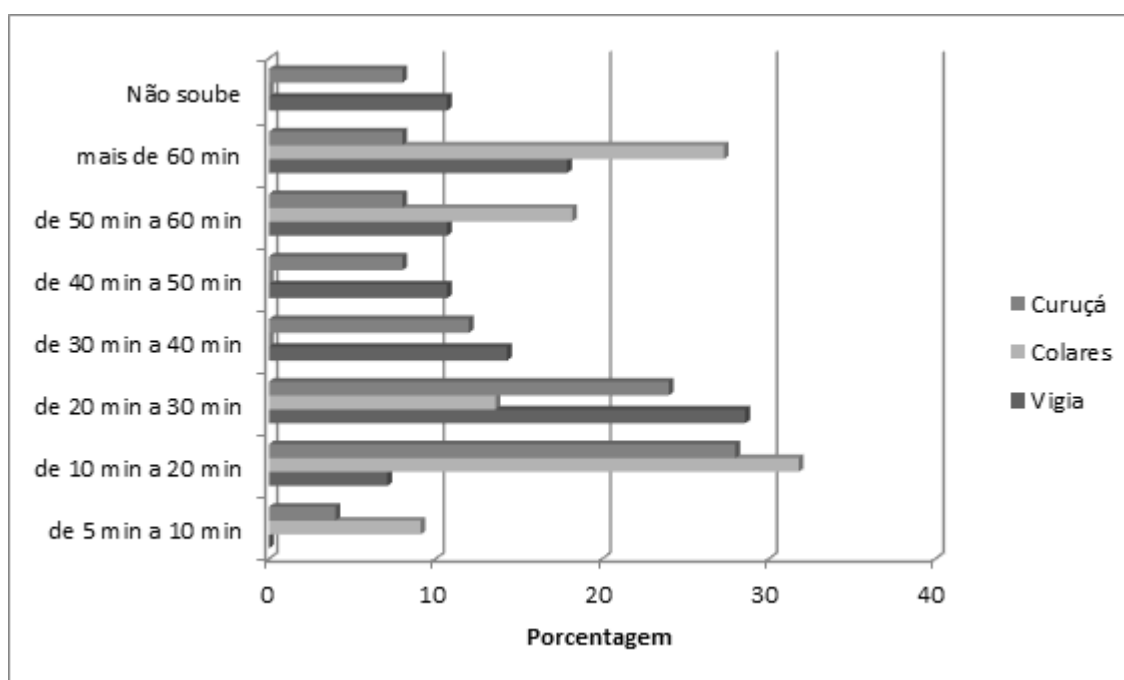
Fonte: Trabalho de campo (2018).

Tal fato corrobora o discutido por Santos, Pereira e Ivo (2004), que ao destacar a pesca com puçá de arrasto no estado do Pará, ainda afirmam que esta geralmente se inicia no final da maré vazante e termina na maré enchente. A preferência pela maré da noite também pode estar relacionada com o processo de venda dos camarões no período da manhã, já que os pescadores e as pescadoras retornam para casa para o beneficiamento do recurso e a sua posterior venda por conta própria.

A interlocução com os pescadores e as pescadoras permitiu concluir que há uma grande variação na quantidade de arrastos realizados em um dia, dependendo das condições de disponibilidade do recurso. Nesse sentido, os dois primeiros arrastos são considerados indicadores da pescaria do dia, pois se houver a captura de poucos camarões, os pescadores e as pescadoras geralmente interrompem a atividade ou se deslocam para outro ponto de pesca. No entanto, quando se considera o tempo de duração de cada arrasto realizado (Figura 7), as respostas mais expressivas foram de 10 a 20 minutos e de 20 a 30 minutos para as comunidades de Curuçá; de 10 a 20 minutos e mais de 60 minutos para as de Colares; de 20 a 30 minutos e mais de 60 minutos para as de Vigia.

Tal diferenciação no tempo de arrasto em Colares e Vigia pode estar relacionada com as próprias condições do ambiente, que permitem que pescadores e pescadoras realizem arrastos de distâncias maiores, o que demandaria mais tempo. Apesar disso, esses dados evidenciam uma realidade oposta à da pesca industrial, principalmente daquela encontrada na região Nordeste, onde as frotas motorizadas geralmente saem do porto entre 3 e 5 horas da manhã e retornam 12 horas mais tarde, sendo que pelo menos 10% destas realizam pescas de até 5 dias (SANTOS; PEREIRA; IVO, 2004).

Figura 7 – Tempo de duração de cada arrasto no período da safra



Fonte: Trabalho de campo (2018).

Atores sociais da pesca de camarão¹⁰

Nos três municípios, observa-se um padrão de parentesco em que se destaca a presença de núcleos familiares convencionais no cenário da atividade pesqueira de camarão. As porcentagens das categorias “Chefe de família” e “Filho(a)” (Tabela 4) apontam para uma característica geracional pela qual os conhecimentos tradicionais da pesca de arrasto são transmitidos, definidos por um “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural” (DIEGUES *et al.*, 2000).

Tabela 4 – Parentesco nos três municípios

Município	Chefe de família	Cônjuge	Filho(a)	Outros	Total
Vigia	27,3%	21,2%	26,3%	25,2%	100%
Colares	23,4%	22,3%	39,4%	14,9%	100%
Curuçá	21,8%	18,2%	40%	20%	100%

Fonte: Trabalho de campo (2018).

Nesse contexto, as mulheres, representadas em sua maioria pela categoria “Cônjuge”, aparecem na pesca para além de auxiliar seus parceiros, já que muitas de fato desempenham a atividade acompanhadas de outros familiares. Nota-se, dessa maneira, que o trabalho da

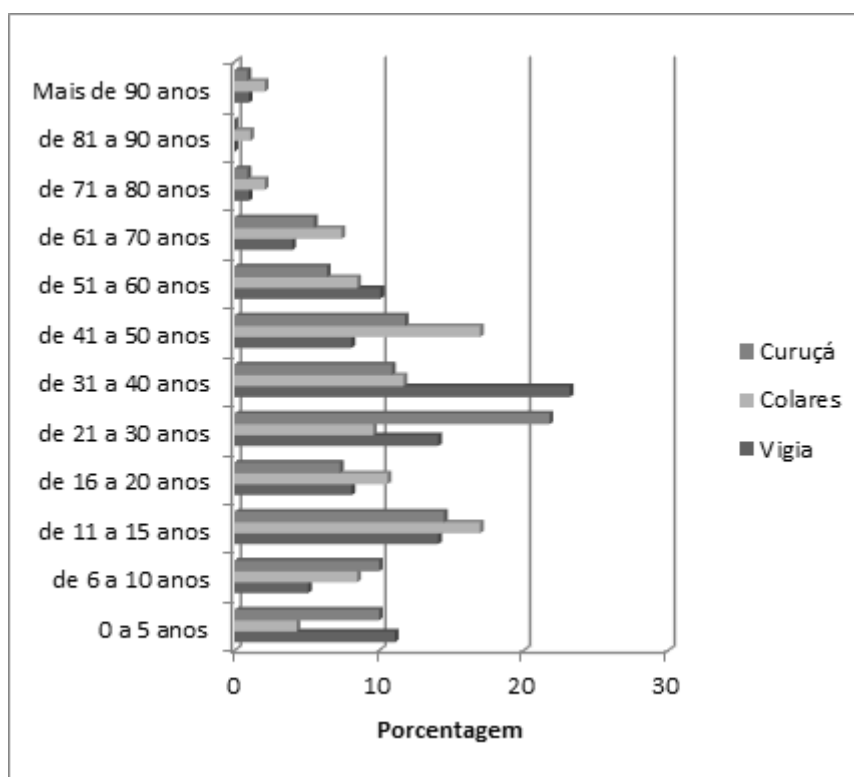
¹⁰ Algumas das reflexões aqui apresentadas estão baseadas naquelas já identificadas no relatório “Caracterização socioeconômica da pesca de arrasto de camarão na costa Norte e Nordeste do Brasil”, citado na introdução deste trabalho.

mulher é invisibilizado neste e em outros tipos de pesca devido ao silenciado decorrente das questões de gênero. Cristina Maneschy, Deis Siqueira e Luzia Álvares (2012) indicam que há desconsideração do trabalho das mulheres pescadoras, inclusive nas propostas de políticas pública para este setor.

As pesquisas sobre a participação das mulheres na pesca evidenciam tanto a relevância de seu trabalho nas questões ambientais quanto ao que se refere ao exercício da cidadania (MANESCHY, 2013; CARDOSO, 2007; PALEHTA; RAVENA-CAÑETE; CARDOSO, 2016). Contudo, à revelia desta importância para a reprodução social e econômica de seus grupos familiares, algumas questões simbólicas e políticas obscurantizam as mulheres, conforme observado por Angélica Motta-Maués (1993). Do mesmo modo, no que se refere à produção de modo sustentável, é inegável que as mulheres pescadoras se constituem em elemento importante no manejo sustentável de espécies, mas as políticas públicas nem sempre são direcionadas ao protagonismo feminino.

No que diz respeito à faixa etária dos residentes dessas famílias, a Figura 8 evidencia grupos de idade bem distribuídos. No entanto, destacam-se aqueles que têm entre 11 e 15 anos, pois a partir das percepções em campo, notou-se que os indivíduos menores de 18 anos geralmente se encontram ainda cursando o ensino básico e, embora não pesquem, estes costumam auxiliar aos pais e/ou parentes no beneficiamento do camarão, sobretudo no seu salgamento e cozimento.

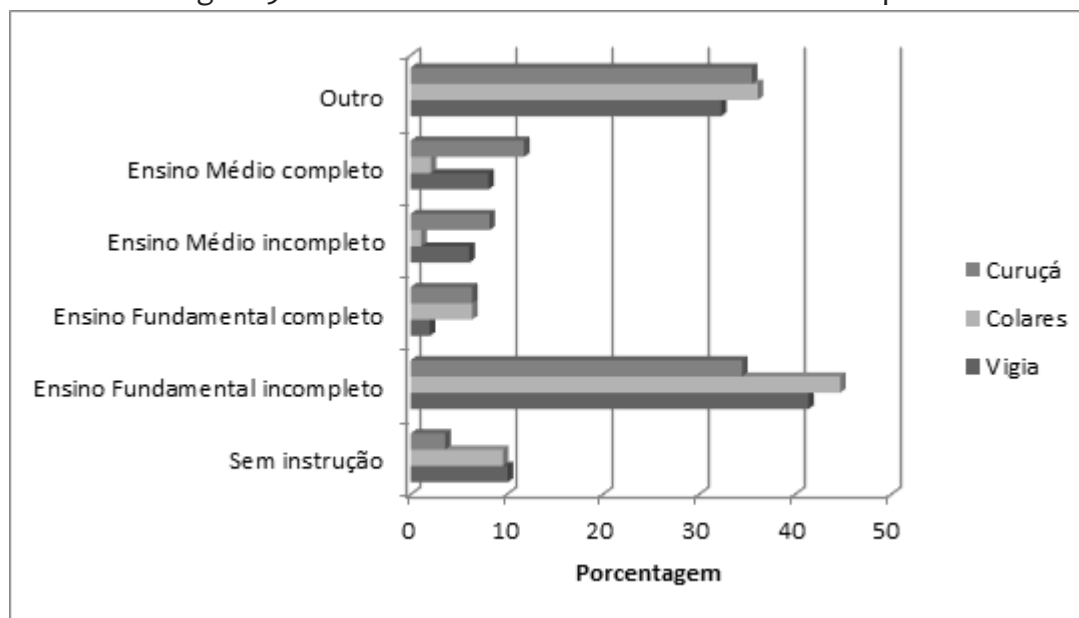
Figura 8 – Faixa etária dos residentes nos três municípios



Fonte: Trabalho de campo (2018).

É possível inferir que os indivíduos envolvidos no cenário da pesca de arrasto de camarão, e que não se encontram na categoria de estudantes, possuem baixa escolaridade, destacando-se a evasão escolar antes da conclusão do ensino fundamental, como é possível observar na Figura 9.

Figura 9 – Escolaridade dos residentes nos três municípios



Fonte: Trabalho de campo (2018).

Provavelmente, esse quadro resulta da inserção precoce na atividade pesqueira, como meio de subsistência ou renda, dificultando ou mesmo impedindo a conclusão das etapas do ensino regular. Além disso, essa tendência pode estar correlacionada à ausência da oferta de ensino nas localidades onde esses atores sociais residiam, principalmente nos tempos mais antigos. Logo, evidencia-se uma realidade onde o acesso às políticas públicas se torna limitado, devido à exigência do conhecimento de regras e da burocracia que envolve tais processos. Vale ressaltar que a categoria “Outros” inclui crianças fora da idade escolar e crianças e adolescentes que atualmente se encontram cursando o ensino básico.

CONCLUSÃO

Apesar de os três municípios estudados estarem situados em uma mesma zona costeira, cada um deles apresenta suas próprias particularidades, revelando a diversidade da prática artesanal de arrasto de camarão. As espécies de camarões capturados variam de acordo com o ambiente de cada localidade, assim como o esforço de pesca, que também é influenciado pela dinâmica socioeconômica que envolve o processamento e a venda dos recursos em cada município. Os atores sociais são marcados pelo conhecimento tradicional que é repassado de modo geracional e pela inserção precoce na atividade camaroeira. Neste contexto, destaca-se a participação de mulheres nas atividades que compõem o trabalho de captura artesanal do camarão.

Ademais, este artigo configura um trabalho preliminar, visto que não existe, até então, literatura dedicada à caracterização da pesca artesanal de arrasto de camarão na área estuarina do Salgado Paraense. Desse modo, o presente trabalho abre a possibilidade de aprofundar diferentes cenários, tais quais:

1. Além do ambiente, quais outros fatores influenciam na escolha da espécie de camarão a ser explorada pelos pescadores de cada localidade?
2. Quais fatores ambientais são determinantes na variação dos dias de arrasto por semana e do tempo de cada arrasto nas comunidades estudadas?
3. Como a mulher é vista no cenário da pesca artesanal de arrasto de camarão?
4. Quais motivações estão relacionadas a não conclusão do ensino básico por boa parte dos atores sociais envolvidos nessa atividade?

Responder a tais questões figura como uma provocação para novos trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 145-182, 2000.

ARAGÃO, J. A. N.; SILVA, K. C. D. A.; CINTRA, I. H. A. Situação da pesca de camarões na plataforma continental amazônica. *Acta Fish. Aquat. Res.*, São Cristóvão, v. 3, n. 2, p. 61-76, 2015.

BRASIL. *Legislação pesqueira*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

CARDOSO, D. M. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na conservação de manguezais da Amazônia brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, p. 485-490, 2007.

DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

DIEGUES, A. C. S. et al. *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

D'INCAO, F.; VALENTINI, H.; RODRIGUES, L. F. Avaliação da pesca de camarões nas regiões sudeste e sul do Brasil (1995-1999). *Atlântica*, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 103-116, 2002.

FURTADO, L. G. Origens pluriétnicas no cotidiano da pesca na Amazônia: contribuições para projeto de estudo pluridisciplinar. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, Belém, v. 1, n. 2, p. 159-172, 2006.

FURTADO, L. G. Pesqueiros reais e pontos de pesca. Traços da territorialidade haliêutica ou pesqueira amazônica. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi.*, Belém, v. 18, n. 1, p. 3-26, 2002.

HARRIS, M. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: MURRIETA, R.; ADAMS, C.; NEVES, W. (ed.). *Sociedades caboclas amazônicas*. São Paulo: Annablume Editora, 2006. p. 81-108.

ISAAC, V. J. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros do litoral amazônico: um desafio para o futuro. In: LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 33-36.

JÚNIOR, I. F., TAVARES, M. C. S., BRITO, C. S. F. Estatísticas das produções de pescado estuarino e marítimo do estado do Pará e políticas pesqueiras. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.*, Belém, v. 1, n. 2, p. 95-111, 2006.

MANESCHY, M. C. Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. In: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. de (org.). *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013. p. 41-64.

MANESCHY, M. C., SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis. v. 20, n. 3, p. 1-25, 2012.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MOTTA MAUÉS, A. *Trabalhadeiras e camarados: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. (Coleção Igarapé). Belém: Editora Universitária UFPA, 1993.

NERY, A. C. Traços da Tecnologia Pesqueira de uma Área de Pesca Tradicional na Amazônia – Zona do Salgado – Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém, v. 11, n. 3, p. 199-293. 1995.

OLIVEIRA, O. M. B. A.; SILVA, V. L. O processo de industrialização do setor pesqueiro e a desestruturação da pesca artesanal no Brasil a partir do Código de Pesca de 1967. *Sequência*, Florianópolis, v. 23, n. 65, p. 329-357, 2012.

PALHETA, M. K. S.; RAVENA-CAÑETE, V.; CARDOSO, D. M. Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de Ciências Humanas*, Belém, v. 11, p. 601-619, 2016.

RAVENA-CAÑETE, V. *Caracterização socioeconômica da pesca de arrasto de camarão na costa Norte e Nordeste do Brasil*. (Relatório de pesquisa). Belém: FAO, 2018.

SANTOS, M. C. F.; PEREIRA, J. A.; IVO, C. T. C. Sinopse de informações sobre a biologia e pesca do camarão-branco, *Litopenaeus schmitti* (BURKENROAD, 1936) (Crustacea, Decapoda, Penaeidae), no Nordeste do Brasil. *Bol. Técn. Cient. CEPENE*, v. 12 n. 1, p.149-185, 2004.

SILVA, B. B. *Diagnóstico da pesca no litoral paraense*. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Zoologia) – Universidade Federal do Pará e Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2004.

SIMONIAN, L. T. L. Mujeres y conocimientos ancestrales en la Amazonía, Brasil. *Papers do NAEA (UFPA)*, Belém, v. 255, p. 3-23, 2009.

SIMONIAN, L. T. L. Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências da Terra*, Belém, v. 1 n. 2, p. 35-52, 2006.